COMUNICAÇÃO ORAL - EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA PERSPECTIVA EQUITATIVA

AÇÕES EQUITATIVAS NA ROTINA ESCOLAR DE PROFESSORAS COM TEA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Márcio De Souza Santos (marcioss.753ac@gmail.com)

Carolina Gonçalves Da Silva Fouraux (carolinafouraux@gmail.com)

Nathany Heloise Jovino Ambruster (nath.jovino@gmail.com)

Daniela Gil De Souza (danigilnicolau@gmail.com)

Graciele Massoli Rodrigues (prof.graciele@usjt.br)

A educação física (EF) sobre uma perspectiva equitativa se refere às ações tomadas para garantir que um grupo heterogêneo tenha suas especificidades consideradas, garantindo um ambiente que valorize o outro e possibilite participação e protagonismo. Embora existam inúmeros estudos sobre equidade nas aulas de EF, o olhar geralmente permanece centrado nos estudantes, invisibilizando adultos com deficiência no ambiente escolar. Nesse contexto, este relato de experiência objetiva apresentar desafios, adequações e perspectivas apontadas por duas professoras (P1 e P2) com Transtorno do Espectro Autista (TEA), atuantes no 1º ciclo do ensino fundamental, a partir de questionário respondido em maio de 2026. O TEA caracteriza-se por déficits na

comunicação e interação social, além de padrões restritivos e repetitivos de comportamento. Entre os desafios relatados pelas docentes estão o desconforto sensorial provocado por ruídos intensos, toque constante e aglomeração de estudantes, exigindo atenção dividida em diferentes situações da rotina escolar. P1 destaca também a exclusão por parte de outros docentes, enquanto P2 aponta sobrecarga diante de mudanças inesperadas na organização escolar. Como adequações, ambas relatam apresentar suas características aos estudantes, promovendo conscientização sobre o TEA. Também utilizam abafadores de ruído, apito para pausas silenciosas e instrumentos sinalizadores para comunicação de sobrecarga sensorial e necessidade de reorganização da rotina. Entre as sugestões apresentadas, destacam-se a criação de uma sala sensorial destinada a estudantes e profissionais em momentos de sobrecarga, redução de ruídos excessivos, reorganização dos espaços escolares para evitar aglomerações e maior previsibilidade da rotina. As participantes também defendem a realização de palestras e formações voltadas não apenas aos estudantes, mas à equipe escolar, abordando características e adaptações relacionadas ao TEA em adultos. Considera-se que os desafios apresentados dialogam diretamente com características do transtorno e, portanto, necessitam ser problematizados e acolhidos institucionalmente. O relato evidencia que as adequações têm partido das próprias professoras, revelando a invisibilidade da escola diante desses profissionais. Espera-se contribuir para reflexões sobre a permanência, atuação e acessibilidade de adultos com deficiência no contexto escolar, compreendendo que crianças com deficiência crescem e tornam-se profissionais que também demandam equidade. Nesse sentido, o estudo amplia o debate sobre inclusão ao evidenciar que práticas equitativas devem considerar todos os sujeitos que compõem a escola. As experiências apresentadas demonstram a necessidade de políticas institucionais permanentes de acolhimento, acessibilidade sensorial e formação continuada, favorecendo relações profissionais mais inclusivas. Assim, discutir o TEA na docência contribui para romper invisibilidades historicamente naturalizadas socialmente.

Palavras-chave: equidade; docência; tea.